



O Deus Queer fazendo aliança em corpos dissidentes

Carmine Carano¹

RESUMO: Os corpos são templos onde Deus revela a Si mesmo. Os corpos e os relacionamentos queer revelam o rosto do Deus Queer. O termo surgiu no século XX como resultado da experiência de existências concretas e também das reivindicações de pessoas homossexuais, bissexuais, transexuais que entrelaçaram-se com os movimentos contraculturais engajados na contestação de identidades hegemônicas. Queer acarreta a pluralidade. Contemplando a criação, por analogia, é possível aproximar-se do Criador. Contemplando os corpos e os relacionamentos queer, contempla-se o rosto queer de Deus. Ele opõe-se ao ídolo heterocisnormativo que dociliza e violenta os corpos dissidentes. O Deus Queer faz aliança com toda humanidade, com os corpos queer. Na encarnação do Filho, esta aliança é plenificada.

PALAVRAS-CHAVE: Lgbt+. Teologia Contextual Queer. Ídolo. Aliança. Althaus-Reid. Ana Ester.

ABSTRACT: Bodies are sacred temples in which God manifests the Divine Self. Queer bodies and relationships reveal the face of the Queer God. The term emerged in the 20th century as a result of the experience of concrete existences and also of the demands of homosexual, bisexual and transgender people who were involved in counter-cultural movements engaged in contesting hegemonic identities. Queer implies plurality. Through the contemplation of creation, we are drawn analogically toward the Creator. Likewise, in beholding queer bodies and relationships, we behold the queer face of God. This vision challenges the hetero-cisnormative idol that seeks to tame, silence, and violate dissident bodies. The Queer God makes a covenant with all of humanity, including queer bodies. In the incarnation of the Son, this covenant is fulfilled.

KEY WORDS: Lgbt+. Queer Contextual Theology. Idol. Covenant. Althaus-Reid. Ana Ester.

INTRODUÇÃO

O Menino Jesus acha no seio de uma mulher trans o colo onde descansa. Aquele íntimo lugar, muitas vezes maldito ou inclusive abusado, torna-se, no olhar de Jesus pequenino, berço de carinho. Ele faz novas as coisas. O gemido de um rapaz, marginalizado pela orientação sexual e pelo trejeito, amado pelo namorado que perdeu o trabalho porque espalhou-se a notícia que era bicha, é a voz com a qual Deus fala ao mundo para dizer que a pluralidade é o meio santo através do qual Ele fica em companhia da humanidade. O beijo da mulher, depois de muitas questões sobre sua identidade, na outra mulher é o santuário no qual o

¹ Graduado em Filosofia e graduando em Teologia.

corpo torna-se transparência de Deus. Ele, que quis mostrar-se na vida e no corpo do Filho encarnado, aponta para Jesus de Nazaré, o Cristo, como paradigma.

A humanidade, os afetos, as relações do Filho encarnado foram espelho que refletiu o mistério de Deus. Jesus é a imagem do Pai. À luz desta experiência, que permanece como fundamento, Deus ensina que a pluralidade dos corpos, dos desejos, das relações manifesta algo d'Ele. Os relacionamentos héteros, a procriação, não esgotam a grandeza divina. Deus sai do armário admitindo que a multidão lgbtqiapn+ foi criada por Ele para derrotar a possibilidade de uma hegemonia religiosa e destacar que Seu rosto se mostra pela diversidade.

Há uma distinção epistemológica, uma tensão sadia entre teologia e Magistério, entre suas diferentes funções. Embora a Igreja seja mestra e tenha a tarefa de ensinar as verdades da fé, a reflexão teológica guarda uma saudável distância, na qual escuta as condições humanas, sobretudo aquelas que não parecem encaixar-se no que a Igreja já afirmou ao longo dos séculos. A teologia deve escutar as ciências, que desenvolveram perspectivas amplas sobre a sexualidade (CORRÊA LIMA, 2022, p.147). Cristã e cristão se, por um lado, são discípula e discípulo de Jesus na Igreja, por outro, podem experimentar tensões frente a alguns ensinamentos dela: neste espaço, em companhia da consciência, são chamados a contemplar o trabalho livre do Espírito e a discernir, distinguindo as verdades fundamentais da fé das secundárias (CORRÊA LIMA, p.162).

Não se trata de arbitrariedade, de acreditar em algo por causa de um capricho, porém é o ser confrontado pela voz da responsabilidade que coloca cristã e cristão diante de Deus, além do que a instituição já disse (CORRÊA LIMA, p.163). Teóloga e teólogo têm que apresentar as posturas do Magistério; todavia, como todas as cristãs e os cristãos em geral, endossam o dever de expressar o desacordo e as dúvidas para acompanhar a caminhada da Igreja (FORCADES, 2019, p.110-111). Escutam as vivências próprias e contemplam as manifestações de Deus no mundo, saem até chegar às periferias da Igreja e da vida para darem voz às novidades que lá estão brotando, fora do que o Magistério explicitou (DE ASSIS SERRA, 2019, p.23-28). É um serviço à Igreja que produz frutos: *Intrumentum laboris* do sínodo e *Fiducia Supplicans*.

O presente trabalho constata a autonomia sadia entre Magistério e fazer teológico como pano de fundo. Pretende refletir sobre a possibilidade de contemplar um Deus Queer. Na primeira parte, investiga-se os elementos que constituem os significados do termo queer, a história das comunidades que o interpretaram e o desenvolveram. Na segunda, aprofunda-se a analogia, a saber, a possibilidade de organizar um discurso teológico a partir da criação. Na terceira etapa, descreve-se as características do ídolo em cima do qual a heterocisnormatividade funda sua espiritualidade. Na última, é mostrado analogicamente o rosto do Deus Queer. O termo, à luz da história que herda e da relação analógica entre Criador e criatura, pode descrever algo de Deus que escolheu fazer aliança com todos os corpos.

1 BREVE HISTÓRIA DE PASSOS LGBT+

A palavra “queer” e a teologia que a endossa surgiram após uma caminhada composta de várias etapas. Serão destacados, neste tópico, as seguintes: o nascimento da consciência gay em Stonewall, a rearticulação da comunidade lgbt+ durante a epidemia de HIV-Aids, a contribuição das reflexões lésbicas e, enfim, a reivindicação da palavra queer.

A população lgbt+ celebra o orgulho no dia 28 de junho. A data faz referência ao que aconteceu nos Estados Unidos, em Stonewall, naquele dia, no ano 1969: a Revolta ou Rebelião, na qual homens gays, pessoas transexuais, *drag queens*, que frequentavam o bar chamado “Stonewall Inn”, deram um basta ao silêncio e tomaram palavras saindo pelas ruas. Este gesto testemunhou o surgimento de uma consciência política homossexual. A novidade foi acompanhada por outros movimentos políticos que pediam uma modificação da cultura hegemônica: os trabalhos feministas desde a movimentação sufragista na Inglaterra no século XX até os debates sobre os direitos sexuais das mulheres, a contracultura hippie, as lutas da comunidade negra norte-americana contra o racismo (DE CARVALHO; NORONHA DA FONSECA, 2019, p.50-51).

Bell Hooks mostrou que o feminismo pede uma tradução plural, tem que falar-se de feminismos: vários grupos de feministas e aliados/as confrontaram, segundo diferentes perspectivas, os papéis fixos de gêneros e as estruturas patriarcais americanas (HOOKS, 2018). Foi um dos elementos que preparou o surgimento das perspectivas queer. Os feminismos deram um basta à rigidez dos papéis de gênero. Negociações e mudanças tornaram-se possíveis. Podia-se pensar nas mulheres de pontos de vista diferentes da identidade hegemônica. Foi a raiz a partir da qual brotou a pluralidade do termo queer.

“O sodomita era um reincidente, agora o homossexual é uma espécie” (FOUCAULT, 1988, p. 43-44). Constituiu o efeito da Rebelião de Stonewall: desdobrou-se por meio do nascimento do Movimento Homossexual e da configuração de um discurso à luz da nova consciência identitária. Surgiu a Teologia Gay, através das obras de vários autores: Tom Horner, Ramey Mollenkott, Letha Scanzoni, Stuart. A experiência gay, afirmada segundo estudos que possuíam um tom sobretudo apologético, tornou-se hermenêutica para compreender a cultura e a realidade. Este movimento político e cultural foi acompanhado pela Teologia da Libertação e pelos Estudos Gay e Lésbicos. A primeira ofereceu uma perspectiva teológica liberacionista, os segundos abandonaram o paradigma essencialista, recolhendo a herança feminista (MUSSKOPF, 2019, p.118-128). Vislumbravam-se as libertações de identidades construídas e disruptivas, que não se encaixavam mais em categorias heterocisnormativas. “Novas coalizões foram formadas entre homens e mulheres, não baseadas numa identidade essencial, mas no compromisso compartilhado de resistir às representações que estavam custando as vidas daqueles/as com AIDS” (SPARGO, 1999, p.34-35).

A pandemia de HIV-Aids marcou a sociedade e impeliu a uma reorganização das comunidades e dos estudos lgbt+. Foram propagandeadas expressões como “câncer gay”, “grupos de risco” e discursos que interpretavam o fenômeno como castigo divino. A comunidade

homossexual sofreu uma estigmatização. Contudo, neste contexto de marginalização e morte dos anos 80, a resposta foi a fundação de organizações como ACT-UP e Queer Nation. A partir da década de 90, então, pelas motivações apresentadas acima, pode-se legitimamente usar a expressão lgbt+ ou, melhor, gblt, formulação que atravessou vários desenvolvimentos: a rearticulação de grupos minoritários foi cultural e política; novas alianças surgiram (MUSSKOPF, p.131-32).

“Muitas pessoas ignoram essas raízes profundas na teologia feminista, imaginando que a teologia queer surgiu de maneira espontânea” (HUNT, 2019, p.92). A teóloga refere-se sobretudo à teologia nos Estados Unidos. No ano 1890, Cady Stanton e Jocelyn Cage apontaram para a religião patriarcal como uma das fontes principais de opressão das mulheres, revelando uma característica importante que pertencerá tanto à teologia feminista quanto à queer, isto é, a natureza política da teologia. Ressaltaram que todas as teologias são ligadas a um contexto. Pensadoras lésbicas como Mary Daly, Sally Miller Gearhart, Jean Audrey Powers, Letty Russel, ao assumirem a homossexualidade delas e ao elaborarem um estudo articulado, prepararam o terreno onde a teologia queer brotou.

O léxico criativo de Mary Dale, que escrevia ‘Lésbica’ sempre com L maiúsculo e pensou em maneiras novas de ser. A consciência lésbica política de Miller Gearhart, segundo a qual ser lésbica inclui uma camada política pública. A convicção de que o corpo é a fonte da teologia, endossada por Powers. Foram contribuições para propor a desconstrução do que as vozes heterocisnormativas contavam sobre a cultura e a espiritualidade para oferecer uma subversão queer (HUNT, 2019, p. 93-107).

“O desenvolvimento de teologias queer emergiram de uma combinação do trabalho feminista/mulherista e das teologias gays que, em suas primeiras manifestações, eram predominantemente masculinas”, escreve Hunt. A caminhada das reflexões lésbicas, feministas, gays entrelaçaram-se atravessando crises e achando possibilidades. Hunt faz referências à contribuição fundamental de Virginia Ramey Mollenkott que estudou, segundo uma interligação do trabalho feminista e das perspectivas queer, exegese bíblica e questões trans.

O ponto de vista dela, partindo de relações com pessoas que se autodenominavam transexuais, intersexo, crossdresser, travestis, destacou a desestabilização das categorias de gênero (E. HUNT, 2019, p.109). Conforme Judith Butler, mais do que compreender quantas categorias existem para definir os gêneros, o trabalho queer, fundamentando-se numa ausência de definições fechadas, visa a um horizonte de vida cada vez mais amplo e acessível para todas as pessoas além dos conceitos (BUTLER, 2014).

Ao ativismo, à reestruturação de grupos que iam compor a população lgbt+, ao trabalho de feministas e lésbicas, correspondeu uma resposta teórica de três autoras, de Lauretis, Sedwick e Butler, as primeiras que endossavam o termo queer para (des)organizar em discursos teóricos o que estava acontecendo na dimensão política e social, a saber, uma dinâmica de subversão das categorias binárias. Ao lado desta apareceu a interseccionalidade, as interconexões entre discurso sobre a identidade sexual e reflexões sobre raça e classe.

Transformam sexo, gênero e sexualidade em trabalhos acadêmicos, ao destacar a interligação daqueles com a raça e ao esclarecer as relações de poder por meio das quais os corpos e os desejos são narrados em determinados contextos - nunca a teoria queer dá-se fora do contexto social, cultural e afetivo de quem a elabora. Ademais, a teoria queer inclui uma participação política ativa (MUSSKOPF, 2019, p.13-17). As três pensadoras são como mares nos quais muitos rios - feministas, lésbicos, gays, trans, drag queens - desembocaram. Recolheram as histórias queer para desconstruir, atrapalhar o discurso hegemônico identitário naturalizado.

Os estudos queer questionam a ideia de normalidade e propõem uma epistemologia da multiplicidade, indo além da lógica binária macho-fêmea e da consequencialidade sexual, segundo a qual o nascimento define o sexo biológico, do qual podem-se deduzir o gênero, a orientação e as balizes da sexualidade do sujeito. A identidade sexual e as possibilidades de projeto são resultados da dedução. Mas o nascimento torna-se um ponto de partida que, por um lado, é marcado por um corpo e por um contexto dados e não escolhidos; por outro, compreende a hermenêutica imprevisível e a construção.

Conforme Ester, “Não existe uma forma mais verdadeira de ser mulher ou homem, mas configurações de práticas que se efetivam mediante interpretações negociadas com as idealizações do masculino e do feminino” (ESTER, 2021, p.145-148). Das teorias queer surgiram as teologias entre os anos 1990 e 2000 para questionar o pressuposto de que apenas o corpo e os amores héteros e cisgêneros são lugares onde age a graça de Deus: os corpos dos e das dissidentes sexuais tornam-se sujeitos teológicos que desejam contar a benção, a revelação de Deus (CORNWALL, 2019, p.19-21).

Ana Ester, em diálogo com André Musskopf, detectou três etapas que levam ao nascimento das teologias queer. A primeira é a Teologia Homossexual, no período no qual surgiu, como apresentado acima, o sujeito político homossexual. A segunda é a Teologia Gay e Lésbica a partir dos anos 70, seguida pela terceira, a saber, a Teologia Queer (ESTER, 2021, p.145-154). Esta assume o pressuposto conforme o qual a religião, ao propor símbolos, normas, representações, reproduz modelos de masculino e feminino, endossando o binarismo (COELHO, 2012). Ela brota no berço composto pelos Estudos Queer, pela Teologia da Libertação, da qual toma o método “ver, julgar, agir”, pela militância lgbt+ e pela Teologia Feminista. Visa a espelhar a voz dos corpos e dos desejos de dissidentes sexuais que queimam o armário da heterocisnormatividade, propondo um paradigma de indeterminação.

Não propõe uma assimilação a um discurso teológico pré-estabelecido, porém a descontinuidade no seio mesmo da teologia. Nesta altura, a teologia queer distingue-se da inclusiva. De fato, a teologia chamada “inclusiva” aponta para desmascarar os “textos de terror”, quer dizer, as páginas da Bíblia adotadas para condenar pessoas lgbt+. Procura textos bíblicos que contenham relacionamentos homoafetivos. Justifica, à luz das ferramentas exegéticas, a homossexualidade. Aponta para incluir pessoas excluídas do contexto cristão católico e evangélico.

Seu enfoque é dado por pessoas gays e lésbicas, às vezes suas perspectivas incluem também transgêneros. Pela opção preferencial para os primeiros dois, passou a ser conhecida como teologia gay. O eixo que a estrutura é a experiência do amor incondicional de Deus, que já acolheu todos os seres humanos. A teologia inclusiva, então, afirma que não há, na Bíblia, condenação de gays e lésbicas. Contudo, guarda o paradigma heteronormativo, ou melhor, é a partir da relação hétero que são incluídos os corpos gay e lésbicos. Evidentemente, as teologias inclusiva e queer contêm elementos comuns. Porém, a segunda afasta-se da primeira quando esta corre o perigo de elaborar um discurso teológico que pressupõe ainda o binarismo de gênero ou busca uma aceitação da homossexualidade sem questionar a heterossexualidade como paradigma naturalizado (ESTER, 2021, p.154-160).

O presente tópico descreve brevemente as etapas da contemporaneidade ocidental que levaram ao surgimento do termo “queer”. Prestou-se bastante atenção sobretudo à história dos Estados Unidos, onde nasceram movimentos culturais e políticos que foram o berço do queer. No tópico seguinte, à luz da história, considera-se como compreender o termo nos dias de hoje.

2 O QUE É QUEER?

Queer é tensão para uma democracia sexual na qual todas as identidades e todos os corpos possuam cidadania - o corpo é realidade descontínua física e relação, é carne e jeito de estar no mundo, é matéria e maneira de amar, é presença e percepção. Trata-se da ruptura do pensamento e do dispositivo *straight* que normaliza os corpos ao distribuir as funções, ao fixar as possibilidades de existência e de amor. É a ruptura da normalidade como paradigma absoluto.

Queer é a reivindicação do gênero por parte da multidão de minorias que foram invisibilizadas pela sexopolítica heterocisnormativa e pelo assimilacionismo gay e lésbico (PRECIADO, 2011, p.11-14; GARCÍA, 2021). A voz de Sylvia Rivera testemunhava, através da colocação que fez na parada gay em Nova York em 1973, a falta de sensibilidade interseccional nas ações políticas dos dissidentes sexuais nas décadas passadas, sendo estes sobretudo brancos, de classe média, homossexuais. Convidou a gritar “GAY POWER”, gritou em nome dos queer presos, estuprados, marginalizados e empurrados para fora do abrigo homossexual privilegiado.

Queer, ela ensina, inclui etnia, raça, gênero, posição social. Não deixa espaço a nenhuma identidade hegemônica, hétero, homossexual ou feminista. Queer, então, aponta para a desidentificação, negação da ontologização identitária: o termo, que visava xingar os corpos abjetos, transforma-se em projeto político de resistência. *Bicha*, *sapatão*, *viado* são alguns dos nomes da resistência que se reapropria dos discursos sexuais reféns de ciências e disciplinas, entre as quais a medicina. Os sujeitos pervertidos, que foram destinados a ficarem calados, tomam a palavra para contar suas histórias. Desejam permitir a circulação dos corpos

esquecidos, almejam afirmar a multiplicidade dos corpos e das identidades (PRECIADO, 2011, p.16-17).

Queer é uma guerrilha linguística que reúne muitas lutas, vozes, personagens, histórias. É torção para desestabilizar, é torção profética para devolver vida a quem foi tirada física e simbolicamente. O termo é plural, nele encontram-se entre lugares que são ressignificados todas as vezes em que a palavra é colocada em um contexto diferente. Carrega uma tradição de quatro séculos ao longo dos quais endossou os sentidos de estranho, excêntrico, vulgar.

Segundo Valencia, a palavra vem dos países germânico e significa “girar, torcer”. Nos estudos de Preciado, o termo apareceu na língua inglesa no século XVIII para definir quem não se encaixa nas representações identitárias. Todavia, tornou-se conhecido através da condenação que atingiu o escritor Oscar Wilde pelo marquês John Douglas. Foi uma injúria usada contra os dissidentes sexuais até as décadas de 70 e 80, quando começaram a desconstrução e a reivindicação. Os corpos *travestis*, *bichas*, *pretos*, *viados*, bissexuais, trans, drags, não-binários se insurgiram para despedir-se da normalidade. Queer passou a assumir uma verdade transhistórica, a saber, um conjunto de sentidos, corpo, personagens que são renovados na medida em que a palavra se encarna nos vários lugares (GARCÍA, 2021).

Queer, ademais, aponta para a originalidade de cada pessoa. Se, por um lado, as categorias de gênero, orientação sexual, raça, condição social, descrevem os seres humanos contextualmente, por outro lado, elas não esgotam a imprevisibilidade nem o mistério da pessoa. Queer, então, passa a significar inesgotabilidade e espaço aberto para construir. Não tem identidades fixas como fichas a serem preenchidas, mas sim a liberdade de ser co-criador, assumir a criação como obra dinâmica e inconclusa a ser desenvolvida através dos corpos, das identidades, das relações de pessoas que saem do armário para criar juntas com Deus.

Se a criação é a pergunta que Deus põe para o ser humano, a identidade pessoal e relacional deste é a resposta a ser continuamente buscada. Queer, enfim, é co-criação. (FORCADES, 2019, p.54-56;71-74).

Partindo de um diferente ponto de vista, Rita Von Hunty pergunta quem pode contar a própria história, isto é, quem pode construir a própria identidade. Insiste no poder destruidor do Hays Code e da indústria hollywoodiana até a década dos 90 que descreviam as pessoas queer como vilãs, doentes, perigosas, criminosas no cinema. A heterocisnormatividade rotulou as vidas de pessoas lgbt+. Quando, nos últimos anos do século passado, o tom das narrativas mudou, ainda uma vez a heterocisnormatividade apresentou os lgbt+ como os coitadinhos, seres humanos sofredores dos quais compadecer-se. Queer, diante desta herança, assume a voz do desafio e da ruptura: as pessoas lgbt+ têm a tarefa de interromper estas narrativas para contar a dignidade das vidas delas (VON HUNTY, 2023).

Este tópico apresentou como, neste trabalho, pretende-se interpretar o termo “queer”, considerando a contribuição de autores e autoras. No seguinte, investiga-se a analogia, isto é,

o conhecimento do Criador a partir das criaturas. Afirmar a possibilidade de conhecer algo de Deus a partir dos corpos queer.

3 OS RASTROS DA ANALOGIA: AO CRIADOR PELAS CRIATURAS

O Concílio Vaticano II, por meio da constituição dogmática *Dei Verbum*, afirma:

Deus, criando e conservando todas as coisas pelo Verbo (cfr. Jo 1,3), oferece aos homens um testemunho perene de Si mesmo na criação (cfr. Rom. 1, 1-20) e, além disso, decidindo abrir o caminho da salvação sobrenatural, manifestou-se a Si mesmo, desde o princípio, aos nossos primeiros pais. Depois da sua queda, com a promessa de redenção, deu-lhes a esperança da salvação (cfr. Gên. 3,15), e cuidou continuamente do gênero humano, para dar a vida eterna a todos aqueles que, perseverando na prática das boas obras, procuram a salvação (cfr. Rom. 2,6-7). No devido tempo chamou Abraão, para fazer dele pai dum grande povo (cfr. Gén 12,2), povo que, depois dos patriarcas, ele instruiu, por meio de Moisés e dos profetas, para que o reconhecessem como único Deus vivo e verdadeiro, pai providente e juiz justo, e para que esperassem o Salvador prometido; assim preparou Deus através dos tempos o caminho ao Evangelho.

Deus, desde a eternidade, quis realizar o único plano salvífico que chegou ao ápice no evento Cristo. Neste panorama soteriológico, a criação aparece como testemunho e manifestação do Criador; a partir dela pode-se chegar ao Autor. O conhecimento do Criador por meio das criaturas é afirmado na Escritura: “São fúteis todos aqueles, homens por natureza, nos quais se instalou o desconhecimento de Deus: a partir dos bens visíveis, não foram capazes de conhecer Aquele que é como também não reconheceram o Artífice, mesmo considerando suas obras” (Sb 13,1); “Os céus narram a glória de Deus, o firmamento proclama a obra de suas mãos” (Sl 19,2); “Pois o que se pode conhecer de Deus é para eles manifesto: Deus lho manifestou. Com efeito, desde a criação do mundo, as suas perfeições invisíveis, eterno poder e divindade, são visíveis em suas obras, para a inteligência” (Rm 1,19b-20a).

Neste trabalho não é possível analisar detalhadamente todos os textos. O que se quer destacar é que apontam para um conhecimento analógico de Deus. Analogia, do grego, significa “palavra que vai para cima”. O termo pertenceu às reflexões teológicas de Tomás de Aquino, Caetano e Suárez. Tornou-se famoso pela obra do jesuíta Przywara. A Idade Média, em particular, afirmou a existência de dois livros onde encontra-se a presença de Deus, a criação e a Escritura (LADARIA, 2005 p.393-396;402).

A analogia inclui a comparação entre termos que, por um lado, são marcados pela semelhança, por outro lado, são caracterizados pela dessemelhança entre eles. Coincide, então, com uma comparação e aparece como o equilíbrio linguístico diante de dois extremos, a

univocidade e a equivocidade. A primeira refere o termo apenas a uma realidade, enquanto a segunda dá-se quando o vocábulo se refere a objetos diferentes.

Segundo a perspectiva clássica, distinguem-se duas compreensões da analogia, a de atribuição e a de proporcionalidade. A analogia de atribuição estrutura-se ao redor de três termos: dois sujeitos predicam-se do mesmo atributo em aplicações diferentes. “Tudo o que se diz de Deus e das criaturas diz-se enquanto há uma certa ordenação da criatura a Deus, como a seu princípio e causa, na qual preexistem de maneira excelente todas as perfeições das coisas” (TOMÁS DE AQUINO, STh I 13,5). Todavia, como Tomás de Aquino reparou, esta primeira forma de analogia parece inadequada para descrever a relação entre Deus e a criatura porque, em primeiro lugar, não se pode estabelecer uma proporção entre o Infinito e o finito. Não se pode, em segundo lugar, encontrar um terceiro termo que realize a “*reductio ad unum*” dos dois.

A segunda forma de analogia compreende quatro termos: A está para B como C está para D. Aponta para uma semelhança das relações. As criaturas recebem continuamente o ser de Deus, Ele é o princípio e a causa das primeiras. O ser, ao mesmo tempo, segundo a analogia de proporcionalidade, não se torna o termo comum ao qual reduzem-se Deus e as criaturas. Santo Tomás entende o ser como ação, ato, dinamismo. O ser do Criador, então, e o ser da criatura são duas formas de ato em relação respectivamente a uma essência infinita e a uma finita. O ser da criatura é o dinamismo de existência exercido segundo a essência finita da criatura, que recebe o ser do Criador; assim como o ser de Deus é o ato de existir conforme a essência infinita.

A analogia de proporcionalidade, longe de esgotar o mistério de Deus, revela-se um processo que remete a criatura ao Criador sem negar a transcendência d’Ele. “Entre o Criador e a criatura não se pode notar uma semelhança, sem que deva ser sinalizada uma dessemelhança maior entre elas”, afirma o Concílio de Latrão. Os três passos clássicos da analogia são os seguintes: a afirmação, a negação, a eminência (LADARIA, 2005, p.402-407). Segue um exemplo. Cleiton é queer e Deus é queer como Cleiton. Cleiton é queer e Deus não é queer assim como Cleiton. Cleiton é queer e Deus é eminentemente queer, a saber, a perfeição queer de Deus não pode ser esgotada pela descrição humana.

A criação, todavia, é o começo da manifestação de Deus que chega ao clímax em Cristo. “Ninguém jamais viu a Deus; Deus Filho único, que está no seio do Pai, no-lo revelou” (Jo 1,18). A criação é a primeira manifestação e a primeira oportunidade para ir das obras ao Autor. Este processo de manifestação do Deus que quer comunicar a Si mesmo chega ao topo no Filho encarnado. O conhecimento analógico, por isso, deve ser iluminado pela revelação acontecida em Jesus Cristo. O Filho encarnado é o exegeta que desdobra, sem esgotá-lo, o mistério do Pai.

Jüngel insistiu na analogia como um processo que deve ser compreendido à luz da encarnação e do amor. Propõe de considerar o Evangelho como a analogia na qual revela-se o Deus que vem à linguagem humana e, permanecendo transcendente, deixa conhecer a Si

mesmo por meio das evidências da criação. Embora mantendo a radical diferença entre Deus e o ser humano, afirmou que ela se dá em uma semelhança cada vez maior. Por meio de Jesus Cristo, Deus vem à palavra humana. Jesus torna-se a comparação, a parábola a partir da qual é possível dizer Deus. Ele, através da encarnação do Filho, irrompe no mundo e inaugura uma relação com o mundo que torna o evangelho correspondência, isto é, o evento Cristo possibilita falar de Deus em relação ao mundo de maneira inédita.

Jüngel descreveu Jesus como a parábola e retomou, para explicar isto, a linguagem dos textos bíblicos que apresentam o gênero literário das parábolas. Elas são desenvolvidas por meio do “como”, não apontam para uma explanação, porém sim para o engajamento do ouvinte: propõem uma relação que provoca quem escuta. A parábola, então, é uma estrutura analógica que reflete Deus como Tu que se aproxima do ser humano e chama-o, guardando sua inesgotabilidade (LADARIA, 2005, p.414-417).

O amor, na perspectiva analógica de Jüngel, não é apenas a causa que move a ação divina desde a criação até a encarnação. É a maneira de aproximar-se de Deus revelado no Filho que permite-nos falar d’Ele. Em Cristo, Deus chama o ser humano para a relação com Ele. O sim que Deus diz a Jesus desde o nascimento até a morte e ressurreição é o sacramento que contém o sim de Deus ao ser humano. A vida de Deus, no Filho, transforma-se na destinação de toda pessoa. Esta ação salvífica é o fundamento que faz possível que o ser humano fale de Deus (LADARIA, 2005, p.414-417).

O amor, enfim, é causa da ação salvífica divina e, contemporaneamente, é o jeito de Deus relacionar-se com os seres humanos. Trata-se do processo que coincide com o movimento da autocomunicação. Contemplando deste ponto de vista analógico, pretende-se explorar, sem apagar a dessemelhança que a Tradição da Igreja guarda, a possibilidade de descrever a vinda e a presença de Deus nos corpos e nas vidas queer.

A introdução e os primeiros três tópicos foram a base sobre a qual é construída a segunda parte do trabalho. Foi investigada a distância sadia entre o Magistério e o fazer teológico. Foram esclarecidas as etapas da formação do termo “queer” na contemporaneidade. Foram sublinhados os significados que o vocábulo assume neste texto. Passou-se à análise da analogia, conhecimento do Criador por meio das criaturas e por meio de Cristo. No tópico seguinte, denuncia-se a espiritualidade heterocisnormativa, que produz um deus-ídolo-bezerro e dez contra-mandamentos. O deus adorado é um dispositivo que silencia e apaga corpos dissidentes.

4 O DEUS-BEZERRO-ÍDOLO

O povo viu que Moisés tardava em descer da montanha. O povo reuniu-se em torno de Aarão e disse-lhe: “Levanta-te! Faze-nos deuses que andem à nossa frente, porque não sabemos o que aconteceu a esse Moisés, o homem que nos fez subir da terra do Egito”. Aarão lhes disse: “Despojai-vos dos brincos de ouro que estão nas orelhas de

vossas mulheres, dos vossos filhos e das vossas filhas, e trouxei-mos”. Todo o povo tirou os brincos de ouro que tinham nas orelhas, e os levou a Aarão. Tomando o ouro das mãos deles, trabalhou-o com o buril para com ele fazer uma estátua de bezerro. Então disseram: “Estes são os teus deuses, aqueles que te fizeram subir da terra do Egito!”. Vendo isso, Aarão construiu um altar diante da estátua. Em seguida, Aarão proclamou: “Amanhã, festa para o Senhor!” No dia seguinte, desde o levantar, ofereceram holocaustos e apresentaram sacrifícios de paz. O povo sentou-se para comer e beber e levantou-se para se divertir (Ex 32,1-6).

O bezerro, expressão irônica que se refere ao novilho, símbolo da divindade no Oriente Antigo, subtrai o povo da ansiedade da espera. Moisés, guia escolhido por Deus depois de um longo tirocínio, enfrentara o coração endurecido do Faraó. Anunciara as pragas e contemplara o Egito, país da escravidão, desmoronando até a morte dos primogênitos. O povo, junto com ele, observara enquanto seus gritos atingiam as entranhas de Deus. Foi libertado. Atravessara o Mar Vermelho: foi a entrada na vida nova para os hebreus e cemitério para os egípcios.

Porém, mesmo tendo experimentado nos corpos torturados a libertação, o povo voltou para o Egito. Não se tratou de um retorno geográfico. É, ao invés, um retorno simbólico. Moisés e Deus estavam demorando demais. Teria podido aguentar a espera. Teria podido enviar alguém à busca do guia. Nada disso: voltou ao Egito, voltou à imagem fixa de um deus conhecido, ao qual pudesse oferecer holocaustos e que garantisse sua presença eterna. É um deus imóvel, mas pelo menos é próximo e presente. Fica ao alcance de todo mundo quando a ansiedade de viver livre bate à porta.

O bezerro limita o espaço sagrado, enrijece-o, impõe claríssimas balizas. Todo o povo sabe onde mora. Não habita no topo da montanha nem requer que o guia esteja ausente para acompanhar o povo para a liberdade, onde todo mundo poderia ser quem é. Diante do bezerro, falta o espaço aberto da construção para junto com deus. Não há o movimento da relação na qual o povo e deus constroem colaborando. Deus é mudo, o ser humano adora um deus que não se move e não fala. O povo esqueceu a caminhada com o Deus vivo.

“Esqueceram a Deus, seu salvador,/ que fizera grandes coisas no Egito,/ milagres na terra de Ham,/ perto do mar dos Juncos” (Sl 106,21-22). Escolheram o ídolo. “Têm boca, não falam;/ têm olhos, não vêem;/ têm ouvidos, não ouvem;/ têm nariz, não cheiram;/ mãos, não apalpam;/ pés, não andam” (Sl 115,5-7).

“A idolatria imobiliza os corpos e dociliza os sonhos” (ESTER, 2023, p.35). A incapacidade do bezerro-ídolo de se movimentar, a mudez são um espelho que reflete a mudez, a imobilidade dos corpos e das vidas de quem ofereceu holocaustos para ele. “Um Deus-ídolo é aquele que não se move, que não muda” (ESTER, 2023, p.35). Um adorador deste deus também não se move, não muda. Os corpos, as vidas não se movem, não mudam. Buscam

a imagem fixa de deus, buscam um deus imóvel. Buscam a segurança de um deus que não atrapalhe abrindo brechas inovadoras.

O bezerro-ídolo é o deus heterocisnormativo. Imobiliza o corpo desde o nascimento. Imobiliza o gênero ao prescrever regras claras às quais se tem que obedecer para ser humano, para ter a permissão de pertencer à sociedade. O bezerro não fala, mas quem o adora escreveu as tábuas da lei em lugar dele. Trata-se de normas deterministas: quem tem pau é macho, quem tem buceta é fêmea. É a primeira regra, é o primeiro contra-mandamento.

A segunda, intimamente interligada com a primeira, é: não terá outra interpretação do corpo. Trata-se da explicitação do que já é contido na norma anterior, a saber, o corpo, interpretado segundo o ponto de vista determinista e essencialista, é verdade eterna, divina, a não ser confrontada. Este é o segundo contra-mandamento.

A terceira regra tem a ver com o desejo: sua orientação deve ser hétero. Se você for mulher fêmea cisgênera, será atraída por homens machos cisgêneros. Se você for homem macho cisgênero, será atraído por mulheres fêmeas cisgêneras. A norma estabelece, ou melhor, antes de chegar na pessoa concreta, pré-estabelece a direção do desejo. É o terceiro contra-mandamento. A quarta norma é a consequencialidade sexual: corpo, gênero, desejo estão interligados por meio de uma relação consequencial. Se nascer com pau, é macho; se for macho, é hétero. A identidade é deduzida. É o quarto contra-mandamento.

A quinta norma é o binarismo ético e sexual: não tem mais gêneros além do macho e da fêmea cis, é o texto de Gênesis que o garante. O binarismo, por um lado, define a condição antropológica e sexual dos seres humanos; por outro lado, reflete um sistema moral. Quem adere aos contra-mandamentos trilha pela via do bem, quem transgride é condenado/a. Esta regra, colocada na metade da caminhada dos contra-mandamentos, é a pedra angular que, apoiando-se na hermenêutica bíblica heterocisnormativa, perpassa todas as outras normas. Justifica a possibilidade de traduzir as normas para ações políticas e pastorais. É a chave de ouro dos contra-mandamentos.

A sexta norma tem a ver com o projeto: o matrimônio é o único projeto possível. Macho homem e fêmea mulher, obviamente cisgêneros, se casarão na igreja, com a benção do deus-bezerro-ídolo. É proibida qualquer alternativa: não se pode conviver nem transar antes do casamento. É o sexto contra-mandamento.

O sétimo desdobra-se a partir deste: a procriação é o único sentido da sexualidade. Filhos e filhas são os únicos objetivos da atividade sexual. Os órgãos são organizados e distribuídos segundo o modelo capitalista, a saber, em função da produção (PRECIADO, 2011). Nesta altura, a heterocisnormatividade cristã consiste no exercício de escrever nos corpos as palavras do sistema capitalista. Tudo o que não produz deve ser rejeitado. É inútil e abjeto. É o sétimo contra-mandamento.

A oitava norma é a secundariedade do prazer: a procriação é fundamental; o prazer, sobretudo da mulher, é secundário. O homem penetrará a vagina da mulher estando em

cima dela, não atrás nem ao lado. A penetrará, segundo a leitura heterocisnormativa cristã do Levítico, olhando nos olhos dela. A mulher, com ou sem prazer, receberá passivamente o pênis. Qualquer prática sexual fora desta penetração, mesmo tendo o intuito de preparar os corpos para ela, é proibida. É o oitavo contra-mandamento.

A nona norma possui um caráter pedagógico: filhos e filhas serão educados segundo a religião heterocisnormativa cristã do bezerro-ídolo. Receberão a herança que os pais cuidarão de passar para eles: os corpos e os desejos deles já estarão interpretados segundo as balizes estabelecidas pelo deus-bezerro-ídolo. Os corpos e os desejos imitarão a imobilidade do bezerro. Ficarão fixos na consequencialidade sexual capitalista. É o nono contra-mandamento.

A décima norma, enfim, autoriza a possibilidade de matar: matar-se-ão os dissidentes sexuais que sonham com corpos, amores, sociedades diferentes do que o reino do deus-bezerro-ídolo. O assassinio pode acontecer física e simbolicamente. Negar a escuta, menosprezar, xingar, julgar irrelevante, expressar e alimentar o nojo, condenar como obras do capeta são estratégias para matar as relações dissidentes.

Muitas vezes o deus-bezerro-ídolo alcança até a meta do suicídio. Esta forma de morte aparece como um sacrifício em cima do altar da heterocisnormatividade cristã, cujos ministros e cujas ministras pregam a morte em nome do amor maior. Há um amor maior em virtude do qual alguém pode ser nadificado. O deus-bezerro-ídolo, enfim, é um assassino. É o décimo contra-mandamento.

São as tábuas da lei do deus-bezerro-ídolo. São os dez contras-mandamentos que descrevem a religião heterocisnormativa cristã. As regras desenham um espaço sagrado que define os lineamentos inegociáveis das identidades. Antes do nascimento de qualquer ser humano, as características são adiantadas: sabe-se já quem será a pessoa que vai nascer. As tentativas de subversão são percebidas como ameaça à ordem eterna estabelecida pelo ídolo.

Os corpos, as identidades, o mundo, então, tornam-se imóveis. Qualquer tentativa de modificar deve ser corrigida ou eliminada. Neste espaço santo, definido pelos ministros e ministras que praticam ritos sombrios de exclusão abençoada, qual pode ser o sentido de pessoas queer, dissidentes sexuais, senão a cruel correção, o desespero ou até a morte? O deus-bezerro-ídolo é o único deus que se aproximou da humanidade?

Este tópico é o grito de uma denúncia. A idolatria é um ato sexual que mata os corpos, os desejos, os amores queer e a possibilidade de uma sociedade mais democrática. No seguinte, após ter esclarecido quem Deus não é, retoma-se o objetivo principal desta pesquisa: o Deus Queer revela-se nos corpos queer.

5 FORA DO ARMÁRIO DO BEZERRO: O DEUS VIVO QUEER

“Moisés voltou ao Senhor e disse: Infelizmente, esse povo cometeu um grande pecado: fizeram para si deuses de ouro” (Ex 32,31). Moisés, após ter dialogado com Deus, não

reconhece o rosto divino no bezerro-ídolo. O Deus vivo que tinha libertado o povo e conduzindo-o fora da escravidão não é o deus-bezerro-ídolo. Os dois são autores de movimentos contrários. O primeiro liberta, a saber, abre espaços de imprevisibilidade. O segundo, ao invés, amarra, delimita um espaço imóvel de identidade fixa. O primeiro é o Deus do diálogo. O segundo é o ídolo parido pela insegurança do povo. “Filhinhos, guardem-se dos ídolos” (1Jo 1,5).

Se Deus se manifesta na história, e mais especificamente nos eventos da libertação da história humana, então precisamos encontrar a face de Deus nos relacionamentos amorosos fora das fronteiras da teologia decente, e no contexto do Outro como o pobre e excluído (ALTHAUS-REID, 2019, p. 21).

O espaço sagrado criado pelo bezerro de ouro pode ser imaginado como o armário no qual este deus pretende trancar os dissidentes. É um dinamismo de contínuo fechamento para afirmar fortemente a heterossexualidade cisgênera como única verdade abençoada. Os sacerdotes e as sacerdotisas acabam ignorando a possibilidade de encontrar o Deus vivo. Tentam deixá-lo, junto com os amores dissidentes, no armário da Teologia Heterossexual que mata qualquer outra forma de reflexão teológica e transforma-se em uma Teologia Totalitária (ALTHAUS-REID, 2019, p.21).

O Senhor disse a Moisés: “Registra estas palavras, pois com base nestas palavras que eu firmo uma aliança contigo e com Israel”. Esteve, pois, ali com o Senhor, quarenta dias e quarenta noites. Não comeu pão; não bebeu água. E escreveu sobre as tábuas palavras da aliança, as dez palavras (Ex 34,27-28).

Todavia, Deus, segundo a narrativa do livro do Êxodo, não desistiu. Resolveu fazer de novo aliança com o povo no exílio. O bezerro de ouro, deus heterocisnormativo, não teve a última palavra. Deus escolheu estar do lado do povo no deserto e deu como sinal mais duas tábuas onde estavam escritas as dez palavras. O Deus vivo Queer escreve, convida Moisés a escrever e intervém no exílio escolhendo estar do lado dos exilados e das exiladas. A aliança d’Ele é escrita no exílio.

Os corpos queer são como Israel que peregrina no deserto à busca de terra prometida e de aliança para se reconhecer como povo, em exílio. Peregrinam pelo deserto da história humana. São excluídos do pacto estabelecido pelos sacerdotes e sacerdotisas que defendem a sacralidade dos dez contra-mandamentos, são marginalizados pelos ministros do bezerro de ouro. Nas terras malditas oferecidas pelo bezerro, os corpos queer não podem esperar cidadania, a não ser a cidadania que passa pela correção da sexualidade - isto é inaceitável, é uma tortura que grita vingança diante de Deus!

Os corpos queer não podem esperar graça do bezerro, nem compaixão dos ministros deles. Repudiam a idolatria ao acreditar que o verdadeiro Deus não coincide com o bezerro

de ouro. Eles são peregrinos no deserto, como Israel depois da fuga do Egito. O deserto - a condição dos corpos queer desamparados - é o lugar que, ao invés de ser ameaçador, torna-se templo do encontro com o Deus Queer que resolve estabelecer uma aliança com os corpos queer. Trata-se de um encontro e de uma aliança bem diferentes daqueles propostos pelos sacerdotes e sacerdotisas do bezerro de ouro.

O Deus Queer é, como seu povo queer, peregrino também. Não tem moradia, prefere viajar junto com seu povo em exílio à comodidade da imobilidade do bezerro de ouro. É um Deus no meio dos corpos queer marginalizados. Contemplando os corpos queer e os relacionamentos queer, contempla-se a presença do Deus Queer, um Deus em caminho. O desejo dele é caminhar com seu povo, nada mais! Não pretende que os corpos dissidentes se encaixem em um leque de categorias, em uma definição para fazerem aliança com Ele. É um Deus que ab-roga a dominação de definições a partir das quais selecionam-se os corpos. Renuncia a descrições fechadas que digam quais corpos acolher e quais excluir.

No deserto mostra-se a identidade com a qual Deus tinha-se apresentado na sarça ardente, quando chamou Moisés. Este perguntou o nome do Deus que mandava a libertação do povo. A resposta foi: “Serei aquele que serei” (Ex 3,14). Deus não cabe nas palavras. Transborda. É Queer. É além da possibilidade de encaixá-lo em um conjunto de termos. É Deus em trânsito, cuja identidade coincide com a condição de quem viaja junto com o povo queer e com toda a humanidade.

A forma verbal da expressão acima pertence à língua hebraica e condensa em si mesma tanto o presente quanto o futuro. Poderia ser traduzida da seguinte forma: “Eu estou aqui, convosco, da maneira que vereis”. Deus apresenta a Si mesmo como quem está já do lado de Moisés e do povo. Sua identidade se revelará na libertação e na aliança que virão (BÍBLIA TEB, 1994, p.103). Deus revela a Si no ato libertador de estar do lado dos corpos queer como Deus de aliança.

Seu desejo é apenas peregrinar com seu povo. Revoga qualquer dominação, qualquer identidade hegemônica em nome da qual seja autorizada a violência da marginalização. Esta escolha descreve o rosto do Deus Queer e sua proposta de aliança: é um pacto sem nenhuma dominação, é um relacionamento que exclui toda a exclusão, renúncia à afirmação da identidade verdadeira.

Deus, ao compartilhar o deserto com seu povo queer, fala, revela que Ele mesmo é a fonte da queeridade, que a queeridade é fruto da graça com a qual Ele continuamente trabalha na criação. Este dinamismo descreve o Deus Queer e sua aliança: há a subversão, pois o que era abjeto, o corpo queer, transforma-se no que sempre foi, embora isto permanecesse escondido; transforma-se na imagem de Deus.

Os corpos queer não escolheram ser assim. Encontraram suas condições humanas. A razão deste encontro é a energia dinâmica que perpassa a criação, cuja fonte é o Deus Criador Queer. Deus caminha com seu povo, que se descobre parte da criação, como Israel descobriu

que o Deus que o constituía como povo era o Deus Criador de todas as coisas. É um Deus que cria e mora no meio dos corpos queer sem precisar de autorização alguma. É fora das vias de legitimação estabelecidas pelos ministros do bezerro (ALTHAUS-REID, 2019, p.57-61).

“No sentido bíblico, uma teologia que almeje (como só a Teologia Queer pode) escandalizar, isto é, ser uma pedra no caminho que force as teólogas a parar, cair, a interromper a caminhada em dor e passem a pensar durante a parada” (ALTHAUS-REID, 2019, p.60) é a teologia que nasce no deserto estando em companhia do Deus Queer. Deus endossa uma atitude profética ao acolher os corpos queer como quem compõe o povo com o qual fazer aliança, embora isto escandalize os ministros do bezerro. É um Deus Queer Profeta. É um Deus engajando no projeto de amor e justiça de fazer aliança com corpos considerados abjetos (ALTHAUS-REID, 2019, p. 57-61).

O deserto é um lugar que promete o que se realiza plenamente na encarnação de Jesus Cristo. A aliança que o Deus Queer propôs no deserto para seu povo queer marginalizado encontra plenitude na vinda do Filho. No seguinte tópico, investiga-se sobre a continuação, através de Jesus Cristo, da aliança de Deus Queer com os corpos dissidentes.

6 O DEUS QUEER ENCARNA-SE: A ALIANÇA DEFINITIVA EM JESUS CRISTO

“O Verbo se fez carne e habitou entre nós” (Jo 1,14a). A encarnação é o processo com o qual Deus confirma definitivamente sua aliança com os corpos queer. O Filho, que morava no seio do Pai e dialogava face a face com Ele, o Filho que conhecia o desejo de relação do Pai, desdobrou a vontade de aliança do Pai como ninguém teria podido fazer mais plenamente. A encarnação é o *kairos*, a oportunidade definitiva com a qual o Filho confirma a obra que Deus começara: a aliança com toda a humanidade, a aliança com os corpos queer.

A encarnação do Filho é a saída do armário de Deus. Deus sai do armário do céu, abate qualquer distância, embora permaneça transcendente, para estar do lado do seu povo queer. Redistribui as fronteiras ao interromper o discurso teológico heterocisnormativo que, fundamentando-se nos contra-mandamentos do bezerro, aponta para a exclusão dos corpos queer.

O Filho, ao encarnar-Se, tira Deus fora do armário da possibilidade de fechá-lo em uma ideologia imóvel: o Deus que, ainda no deserto, tinha-Se revelado como Deus em trânsito, no meio do seu povo queer, confirma no Filho definitivamente sua aliança, sua identidade em trânsito, rosto que se mostra entre os corpos queer. Não há fronteira em virtude da qual alguém possa ser excluído da aliança.

A *kenosis* confirma as características da aliança no deserto. Deus, por meio do esvaziamento do Filho, renuncia a qualquer forma de dominação. A *kenosis* é o repúdio da possibilidade de usar a força para reconduzir os corpos queer a uma identidade hegemônica. “A revelação que acontece nos atos íntimos, no histórico perceptivelmente caótico dos relacionamentos humanos íntimos na história, tem sido sistematicamente marginalizada e silenciada

por um projeto teológico sexualmente hegemônico e altamente idealista, fortemente dependente de um modelo colonial” (ALTHAUS-REID, 2019, p.63-64).

O projeto que Althaus-Reid comenta tem características que correspondem aos contra-mandamentos do bezerro de ouro: é idealista, ou seja, define uma identidade ideal à qual os seres humanos devem aderir; é colonial, a saber, coloniza e dociliza os corpos e o mesmo Deus impondo-lhes a obrigação da única identidade humana correta; é hegemônico porque baseia-se na lógica do ‘aut aut’, ou o ser humano espelha a identidade imposta ou cai fora da amizade com deus, cai fora da graça. A *kenosis* do Filho é o basta que Deus dá a esta ditadura violenta.

A *kenosis* é ruptura, enquanto interrompe a visão ideal dos ministros do bezerro e apresenta um Deus que Se revela através de corpos reais e com estes faz aliança. A *kenosis* do Filho é um evento salvífico para os corpos queer. Althaus-Reid adota o termo “perversão” no sentido de “per-versão”, uma versão alternativa que se opõe à salvação por meio da identidade totalitária imposta pelo bezerro. É uma perversão da salvação em nome da profecia: dê um basta ao idealismo castrante e volte-se ao Deus Queer no meio dos corpos reais!

As identidades, segundo o conceito castrante de salvação, são reificadas. São construídas antes do nascimento das pessoas e da originalidade destas. Parecem-se com um vestido tecido antes da vinda ao mundo da pessoa: se a pessoa não se sentisse a gosto naquele vestido? A *kenosis* de Jesus Cristo é ruptura, quebra a reificação para estabelecer uma aliança aberta à novidade do queer recém-nascido. A *kenosis* é fonte de “graça em movimento”, a ação da graça sempre em diálogo com a unicidade dos corpos queer. Abrange a novidade imprevisível de qualquer pessoa porque a unicidade é teofania, manifestação da graça (ALTHAUS-REID, 2019, p.67-68).

“Finalmente, podemos pôr na tela a teologizarão queer nômade quando fragmentos esquecidos, suprimidos, desprezados ou desprivilegiados de nossas vidas ganham acesso à discussão teológica pública” (ALTHAUS-REID, 2019, p.78). O fazer teológico da pensadora argentina surge da aliança que o Deus Queer realiza por meio do Filho. É uma aliança que perpassa todos os pedaços de vida silenciados. Nada da existência de uma pessoa queer permanece calado.

Ao aproximar-Se de Deus em Cristo, o corpo queer pode resgatar os fragmentos suprimidos, violentados da sua história. A aliança, sem criar uma harmonia ameaçadora da singularidade do corpo queer, acolhe todos os pedaços marginalizados. Este processo cria uma epistemologia, a saber, um conhecimento conceitualizado de Deus, do corpo queer, do relacionamento entre os dois. Todavia, tal conceitualização, embora relevante, permanece diaspórica, parcial. Trata-se de uma compreensão de fronteira que, ao ser produzida, é fluida e será superada (ALTHAUS-REID, 2019, p.79).

“Mas despojou-se tomando a condição de servo, tornando-se semelhante aos homens, e por seu aspecto, reconhecido como homem” (Fl 2,7): a experiência de Paulo descreve a forma

como Deus, através da *kenosis* de Cristo, faz aliança. Torna-Se humanamente não-Deus, esvazia-se (*kenoo*, do grego, esvaziar-se). A *kenosis* é uma dinâmica de desempoderamento, de repúdio de qualquer poder. O absoluto incontestável de Deus fracassa na humanidade divina e na divindade humana de Jesus Cristo: Ele é Deus que resolve ser vulnerável.

Trata-se do autoapagamento de Deus, ou melhor, Deus apaga a Si mesmo para fazer com que os corpos queer alcancem espaço vital em abundância. Deus, em Cristo, transforma-se em quem compartilha a condição humana, declarando o apagamento de qualquer tipo de dominação. Seu jeito de estar em companhia dos corpos queer é a solidariedade.

Além disso, algo mais morre, ao acontecer da *kenosis*, em Deus: a possibilidade de encaixá-lo numa categoria. Deus, em Cristo, é quem torna-se próximo, desestabilizando a tranquilidade da pretensão de defini-lo uma vez para sempre. É Deus em trânsito, nômade com seu povo queer nômade (ALTHAUS-REID, 2019, p.84-88). O nome queer de Deus - “serei aquele que serei”, já pronunciado no deserto - é confirmado em Cristo.

A aliança *kenótica* não empodera. Devolve a si mesmo, devolve a possibilidade de contar as próprias histórias amorosas, porém é um pacto marcado pela instabilidade, não produz uma nova ordem em virtude da qual os corpos queer possam dominar. Deus transita com seu povo, compartilha, solidariza, mas não entrega um poder para dominar; o perigo de impor uma ditadura queer fica excluído.

A *kenosis* não é a matriz de uma nova normalidade a ser imposta. É, ao invés, um dinamismo constante que responsabiliza: juntos com Deus, esvaziando-se em Cristo, os corpos queer constroem espaços vitais para que a vida em abundância possa chegar a todo o mundo.

Deus Queer, em trânsito, é marginal. Permanece fora da ordem da procriação. Não pretende a procriação como passaporte para entrar na Terra prometida da aliança para com Ele. É um Deus da desordem, não requer ordem nenhuma aos corpos que O desejam. A disponibilidade ao amor é a pressuposição suficiente para encontrar Sua aliança. O bezerro de ouro estabeleceu uma ordem simbólica baseada na procriação. Esta prática sexual singular foi universalizada e interpretada como verdade absoluta de todos os corpos do passado, do presente e do futuro.

Apenas uma prática sexual, a procriação, tão concreta, constituiu a definição de toda a sexualidade possível. O Deus que transita encarnando-Se em Cristo é marginal. Deseja ser marginal. Permanece às margens da ordem simbólica do bezerro, criando uma aliança disruptiva, descontínua, sem definição fixa, sem procriação, aberta a todos os corpos queer. É um Deus humilde, não instaura uma nova forte organização, não oferece um dispositivo para controlar a realidade. Contenta-Se com estar do lado de excluídos e excluídas para elaborar estratégias para eles e elas terem vida em abundância e comunicar a vida.

“A pergunta aqui feita é sobre redenção com uma cartografia do amor diferente” (ALTHAUS-REID, 2019, p.184). A salvação dos corpos queer que acontece por meio da

aliança é uma reconstrução do próprio corpo. A história do corpo e dos amores, que por muito tempo permaneceu escondida e maldita, é redescoberta como mapa onde checar as passagens da graça de Deus. É um despertar: o corpo, anestesiado, acorda e cai na conta de que sua parábola foi atravessada, enquanto ele amava, pela graça. É um trabalho arqueológico ao longo do qual o passado endossa um sentido novo para que no presente o corpo queer experimente cada vez mais a libertação.

O corpo descobre uma geografia diferente. As rotas tradicionais heterossexuais são interruptas. O desejo e o amor levam em direção a rotas inesperadas e originais, onde a graça estava atuando há tempo. “Há uma arte teológica tradicional do esquecimento dos antigos nomes do amor na teologia, como se Cristo só pudesse falar conosco através da língua dos conquistadores e do discurso ideológico do cristianismo heterossexual” (ALTHAUS-REID, 2019, p.184).

Ao longo da caminhada arqueológica, o corpo queer acessa nomes novos. A graça assume os nomes de amores, de relações, de amizades, de desejos que a identidade hegemônica do bezerro, ao colonizar as vidas, tinha tentado apagar. É um novo batismo.

“Práticas redentoras são aquelas que permitem que as memórias de corpos amados fora dos limites das ideologias heterossexuais se tornem sagrados” (ALTHAUS-REID, 2019, p.185). A arqueologia da memória, a nomeação, a geografia queer da graça revelam-se práticas redentoras nas quais o corpo dissidente é encontrado pelo Cristo, seu Salvador.

“A redenção pode, portanto, ser considerada como uma saída do armário, uma experiência expansiva e não apenas uma retenção de tradições (tradições sexuais) que não podem reivindicar a credibilidade hegemônica das construções teológicas cristãs do passado” (ALTHAUS-REID, 2019, p.191). O dinamismo da salvação queer não obedece ao padrão da identidade hegemônica, não pode ser traduzido para um modelo ao qual dever-se-ia aderir. É uma jornada original. Cada corpo tem seu caminho.

No tópico seguinte escutam-se os corpos e as vozes de dois testemunhos em cujas vidas podem-se detectar os rastros do encontro com o Deus Queer que, através de Jesus Cristo, revelou Sua aliança definitivamente.

7 DUAS TESTEMUNHAS

A primeira testemunha é um grito de amor desesperado. É o curta-metragem “Preciso dizer que te amo” do diretor Ariel Nobre. No começo, os corpos trans dos protagonistas estão diante do espelho, na escuridão do quarto. É o resumo do desamparo das pessoas trans brasileiras que não raramente desemboca no suicídio. É o resumo da condição de Ariel quando, uns momentos antes de pular de um prédio, pensou em gravar suas palavras ao invés de se matar. O bezerro cria uma estrutura coletiva que nega os corpos trans até eles serem definitivamente apagados. São condenados à morte.

A voz que narra interrompe a liturgia das exéquias de corpos para confessar o amor. Ao olhar nos olhos de um agressor, sentiu medo pela possibilidade de morrer sem ter dito “te amo”. O medo tornou-se recurso. As palavras “Preciso dizer que te amo” aparecem inúmeras vezes: em uma parede, nas pernas, na cabeça. São escritas para não perder o desejo que acalenta a vida perante o perigo, o desejo de amar e de dizê-lo.

O desejo revela-se um lugar onde Deus quer mostrar a Si mesmo. O curta faz a tradução queer da piedade: Nossa Senhora trans tendo no colo o Filho trans morto. As pessoas trans são os crucificados dos dias de hoje. Jesus Cristo crucificado resolve estar do lado deles ao morar naqueles corpos perseguidos. Todavia, o desejo de amar e de dizê-lo não para diante do perigo e da realidade da morte. É um germe de ressurreição. A morte não segura a última palavra sobre os corpos trans.

Aparece Jesus Cristo Ressuscitado trans. A vontade de viver e de amar, a despeito das ameaças e das agressões, revela a presença de Jesus Ressuscitado nas vidas queer. Ali Ele trabalha para levar a boa nova. Os atores, juntos com Jesus Ressuscitado trans, sentam, em uma das últimas cenas, na praia olhando para o mar e segurando um espelho que contém duas coisas, o reflexo das águas e a frase “preciso dizer que te amo”. Quiçá o mar endossa o papel de manifestar o desejo de amar e de viver de pessoas trans no meio da dor e da perseguição. Revela o Deus que, no Filho, escolhe fazer aliança com os corpos trans.

A frase transformou-se no refrão do trabalho de sensibilização do movimento trans. É um refrão por meio do qual pode-se escutar a voz de Jesus Cristo trans que pede vida. “Preciso dizer que te amo” é a dinâmica pascal de morte e de ressurreição que os corpos trans atravessam.

A segunda testemunha é uma teóloga que já apareceu neste trabalho, Ana Ester. Ela conta sua história de encontros e desencontros no livro “Dez mandamentos”. Ela resolveu escrever. É um método que mostra uma aliança. Trata-se do ponto de partida de um processo, é um movimento de reconstrução da própria história. Sabe-se quando começa, mas não se pode saber quando terminará. É um reencontro consigo mesma. O texto é dividido em capítulos que retomam os mandamentos. Cada um é a oportunidade para a autora retomar um segmento das suas vivências.

Cria um verbo, “esqueerver”, tecer a própria parábola queer escrevendo. O termo surge da palavra “autohistoriateoria” de Gloria Andalzúa. Representa o abatimento de privado e público. A autora pensa, quando adota o termo, em três movimentos: o diálogo com as experiências pessoais, a tradução acadêmica destas e a transformação das experiências em teoria. É o projeto que Ana Ester realiza na sua obra-testemunho. Produz uma escritura de si que, enquanto coincide com a reconciliação consigo mesma, forma a base de uma epistemologia queer.

“Eu só posso fazer teologia a partir de mim. Eu sou corpo” (ESTER, 2023, p.101). O fazer teológico coloca no foco a corporeidade da teóloga e empresta a voz para as vidas que

foram excluídas do debate teológico. “Estamos recontando nossas histórias e, com isso, re-fazendo nossos destinos” (ESTER, 2023). O *esqueerver* conecta histórias. Por um lado, Ana Ester faz teologia partindo de si mesma, da redescoberta de seus relacionamentos; por outro, a contação dela coloca-se em comunicação com outras nomeações queer. Constitui-se uma comunidade.

“No contexto teológico, o queer é uma aliança de pessoas que questionam a construção cisheterossexual da teologia” (ESTER, 2023, p.102). *Esqueerver* é um método comunitário. Volta a imagem do espelho. Como o mar no curta de Ariel Nobre, *esqueerver* é um espelho que reflete a intervenção divina na história: reflete o Deus Queer que, na encarnação do Filho, resolve fazer aliança com os corpos queer.

Ana Ester narra sua páscoa, a saber, a passagem do bezerro que controla os afetos ao Deus vivo que devolve o corpo em abundância. Há um poema que resume essa linda caminhada.

O amor dá.
A idolatria exige.
O amor abre as portas.
A idolatria tranca as janelas.
O amor se coloca de corpo inteiro.
A idolatria, de joelhos.
O amor sara.
A idolatria se automutila.
O amor liberta.
A idolatria aprisiona.
O amor ama.
A idolatria odeia sua incapacidade de amar (ESTER, 2023, p.34).

Ana Ester abandonou o bezerro que exige, tranca, automutila, aprisiona, odeia para encontrar o Deus da aliança que dá, abre, Se coloca de corpo inteiro, sara, liberta, ama.

CONCLUSÃO: QUEER COMO COMEÇO

A pesquisa foi motivada pelo desejo de mostrar um segmento do rosto que Deus revela por meio dos corpos queer. O termo foi adotado em lugar da sigla *lgbtqiapn+* para destacar, na minha opinião, a dissidência sexual mais do que as vozes particulares que compõem esta mesma dissidência. Não quis elaborar uma teoria do gênero nem da orientação sexual. Pretendia mostrar que os corpos dissidentes, antes de qualquer teoria que explique porque e como a insurreição surge, são templos nos quais Deus mostra a Si mesmo.

Os corpos dissidentes são sagrados. Para articular as argumentações a respeito, foi aproveitada a sadia distância entre o Magistério da Igreja católica e o fazer teológico, tendo consciência das condições humanas que encontram-se. A Igreja é mestra e ensina, o teólogo e a teóloga recebem as provocações da realidade para acompanharem a caminhada da Igreja na história.

Antes de aprofundar a presença de Deus nos corpos queer, foi preciso retomar a história dos movimentos lgbt+ dos quais o termo brotou: a Revolta de Stonewall, a contribuição dos feminismos, as obras de pensadoras e teólogas assumidamente lésbicas, o leque de movimentos contraculturais, os estudos apologeticos e, enfim, a teologia queer.

O vocábulo possui muitos sentidos e costuma transitar todas as vezes que se enraíza em um contexto histórico, geográfico, linguístico diferente. Possui, nas suas entranhas, a pluralidade. Neste trabalho, queer significou a democracia sexual que os corpos dissidentes constroem por meio de práticas políticas, culturais, religiosas para que todos os corpos queer, quer dizer, todos os corpos excluídos pela norma hétero e cis, tenham vida em abundância.

O passo sucessivo foi iluminado pelo livro do Êxodo. Mostrou-se que há um discurso religioso cristão que se fundamenta na existência de um ídolo heterocisnormativo, o bezerro de ouro. Produz dez contra-mandamentos que balizam os corpos, as identidades condenando as pessoas queer. A este opõe-se o Deus Queer vivo, um Deus em trânsito, que resolveu estar do lado do seu povo queer, fazendo aliança, propondo uma amizade que não põe condições.

A aliança foi confirmada e plenificada por Jesus Cristo, o Filho que compartilhou a condição humana. Na relação com Ele, os corpos queer retomam a oportunidade de redescobrir as histórias de seus amores como histórias de graça. Ariel Nobre e Ana Ester testemunharam o poder reconciliador e libertador da aliança com o Deus Queer em Cristo.

Por concluir, o Deus Queer faz aliança com todos os corpos por meio do Filho encarnado, Jesus Cristo. Cria um espaço de vida, revela que os corpos queer são templos sagrados da presença d'Ele. Não edifica uma nova normalidade, não autoriza uma nova violência, não pretende a multiplicação da exclusão. O que propõe é a vida em abundância para todos, todas e todes. É uma aliança que permanece aberta à acolhida do recém-nascido. Por isso, queer é um começo. A aliança recomeça e renova-se todas as vezes que uma pessoa, singularidade absoluta, vem ao mundo.

REFERÊNCIAS

ALTHAUS-REID, Marcella. *Deus Queer*. Rio de Janeiro: Metanoia; Novos Diálogos, 2019.

APRESENTAÇÃO DO “INSTRUMENTUM LABORIS” PARA A XI ASSÉMBLEIA GERAL ORDINÁRIA DO SÍNODO DOS BISPOS. Disponível em: [Apresentação do “Instrumentum laboris” \(vatican.va\)](https://www.vatican.va/press-releases/2024/09/17/2024-09-17-instrumentum-laboris-synod-ordinaria.pdf). Acesso em 17/09/2024.

ALTHAUS-REID, Marcella. *Deus Queer*. Rio de Janeiro: Metanoia; Novos Diálogos, 2019.

BÍBLIA TEB Tradução Ecumênica. São Paulo: Loyola, 1994.

BUTLER, Judith. *Fare e disfare il genere*. Milano: Mimesis, 2014.

CORRÊA LIMA, Luís. *Teologia e os lgbt+: perspectiva histórica e desafios contemporâneos*. Petrópolis: Editora Vozes, 2021.

DA FONSECA OLIVEIRA, João Victor. “Hoje não, Satanás”: Corpo e fronteira na experiência religiosa das juventudes católicas lgbtqia+. *Coisas de gênero: Revistas de estudos feministas em teologia e religião*. São Leopoldo, v.9, n.1, p.122-135, jan./jun. 2023.

DICASTERO PER LA DOTTRINA DELLA FEDE. *Dichiarazione “Fiducia supplicans” sul senso pastorale delle benedizioni*. Disponível em: [Dichiarazione Fiducia supplicans sul senso pastorale delle benedizioni \(18 dicembre 2023\) \(vatican.va\)](https://www.vatican.va/press/dclarations/2023/12/18-dichiarazione-fiducia-supplicans-sul-senso-pastorale-delle-benedizioni-18-dicembre-2023_vatican.va). Acesso em 17/09/2024.

EMPEREUR, James L. *Direção espiritual e homossexualidade*. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

FORCADES, Teresa. *Siamo tutti diversi: Per una teologia queer*. Roma: OblòCastelvecchi, 2019.

GARCIA, Rafael. Queer: a historicidade da palavra em...do movimento...antes da teoria. *XVII Enecult: encontro de estudos multidisciplinares em cultura*. Salvador, 27-30 de julho de 2021.

LADARIA, Luis F. *O Deus vivo e verdadeiro: O mistério da Trindade*. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

KNAUSS, Stefanie - MENDOZA-ÁLVAREZ, Carlos (orgs.). Teologias queer: tornar-se o corpo queer de Cristo. *Concilium: Revista Internacional de Teologia*. Editora Vozes, v.5, n.383, p.601-727, 2019.

KREUZ, Silvia. *Um café na fronteira: a missão de mães cristãs no acolhimento de filhos lgbtqia+*. Rio de Janeiro: Metanoia, 2022.

MUSSKOPF, André S. - PÁDUA FREIRE, Ana Ester (orgs.). *Religião e indecência: diálogos com Marcella Althaus-Reid*. Rio de Janeiro: Metanoia, 2021.

PÁDUA FREIRE, Ana Ester. *Dezmandamentos: Teologia lésbico-queer-feminista*. Rio de Janeiro: Metanoia, 2023.

PRECIADO, Beatriz. Multidões queer: notas para uma política dos “anormais”. *Estudos Feministas*. Florianópolis, 19(1), p.11-20, jan./abr. 2011.

SOARES JURKEWICZ, Regina. *Teologias fora do armário: Teologia, gênero e diversidade sexual*. São Paulo: Max Editora, 2019.

VELIQ, Fabrício (Org.). *Experiências de diversidade afetivo-sexual e de gênero: perspectivas de diálogo*. Rio de Janeiro: Metanoia, 2021.

VON HUNTY, Rita. *Quem pode narrar a própria história?* Canal Tempero Drag, 16 mar. 2023. Vídeo de Youtube (26min25). Disponível em: [QUEM PODE NARRAR A PRÓPRIA HISTÓRIA? XXXX \(youtube.com\)](https://www.youtube.com/watch?v=XXXXX). Acesso: 09 de out. 2024.

Artigo submetido em 21/10/24 e aprovado em 21/4/25.

Carmine Carano: Graduado em Filosofia e estudante do Curso de Graduação de Teologia na FAJE. Bolsista FAJE durante a iniciação científica realizada entre outubro de 2023 e novembro de 2024 como estudante de Teologia. Seu estudo esteve vinculado ao grupo de pesquisa de seu orientador, o Prof. Dr. Élio Estanislau Gasda, “Teologia e diversidade afetivo-sexual”. E-mail: carano.c@gesuiti.it

Endereço: Rua Eutalia Engracia de Almeida, 215, Tupi, CEP. [31842-620 – Belo Horizonte, MG](https://www.belo-horizonte.org.br)

Orcid: 0009-0004-3682-8819

Editor: Dr. Geraldo Luiz De Mori

Avaliadores: Dr. Élio Estanislau Gasda, Dra. Marília Murta de Almeida, Dr. Sinivaldo Silva Tavares